

Repercussões do parto vaginal e presença de acompanhante na sala de parto sobre o aleitamento materno na primeira hora de vida

Larissa Ramos Araujo¹, Maria Antonieta de Barros Leite Carvalhaes², Caroline de Barros Gomes³.

¹Graduação em Nutrição, Instituto de Biociências, UNESP – Botucatu, SP, larissa.ramos-araujo@unesp.br, bolsa de iniciação científica FAPESP.

²Departamento de Enfermagem, Faculdade de Medicina de Botucatu, UNESP – Botucatu, SP, maria.carvalhaes@unesp.br.

³Docente do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Faculdade de Medicina de Botucatu, UNESP - Botucatu, SP. caroline.b.gomes@unesp.br

Introdução: A Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) recomendam colocar os recém-nascidos em contato com suas mães imediatamente após o parto durante pelo menos uma hora, e encorajá-las a reconhecerem quando estejam prontos para mamar, oferecendo ajuda, se necessário¹. O início da amamentação na primeira hora de vida está associado à maior duração do aleitamento materno (AM) e à redução das mortes infantis¹. Segundo a avaliação das ações da Rede Cegonha (RC), o estímulo ao AM na primeira hora de vida foi classificado como adequado para 44,1% dos hospitais brasileiros, sendo os maiores percentuais encontrados nas regiões Sul e Sudeste². Fatores socioeconômicos, demográficos e obstétricos podem modificar as chances de ocorrência dessa prática em diferentes contextos, sendo relevante investigar essa hipótese. **Objetivo:** Avaliar a associação de fatores socioeconômicos, demográficos e obstétricos com o AM na primeira hora de vida. **Materiais e Métodos:** Trata-se de um estudo transversal aninhado a um estudo de coorte desenvolvido em um município do interior paulista com gestantes assistidas na rede de atenção primária à saúde. Estas foram acompanhadas do parto até a primeira consulta de puericultura do recém-nascido, com a coleta de dados ocorrendo de maio de 2018 a junho de 2019. Das 466 gestantes incluídas na coorte do estudo matriz, foram excluídas mães com sorologia positiva para HIV e lactentes com condições ao nascer que dificultam a amamentação, como gemelaridade, fissura lábio palatina, malformações cardíacas, resultando em uma amostra de 343 puérperas. Modelos de regressão logística foram realizados investigando os fatores socioeconômicos, demográficos e obstétricos associados ao AM na primeira hora de vida (idade e escolaridade materna, cor da pele, viver com o companheiro, estado nutricional pré-gestacional, números de consultas pré-natal, paridade, agendamento da cesárea, tipo de parto, e acompanhante na sala de parto), sendo que aqueles com $p < 0,20$ nas análises univariadas foram incluídos juntos nas análises multivariadas, considerando então $p < 0,05$ como nível de significância estatística. O estudo teve aprovação no Comitê de Ética da Faculdade de Medicina de Botucatu (CAAE: 88314318.3.0000.5411). **Resultados e Discussão:** Idade ($p=0,143$), tipo de parto ($p=0,002$), e presença de acompanhante na sala de parto ($p=0,002$) mostraram associação ou potencial associação na análise univariada. Na análise multivariada, ter parto cesárea diminuiu as chances de aleitamento materno na primeira hora de vida (OR= 0,4; IC95%=0,2-0,7). Dos bebês nascidos de parto cesárea, 71,3% mamaram na primeira hora de vida; entre os recém-nascidos de parto não cesárea, esse percentual foi de 85,4%. Por outro lado, a presença de acompanhante na sala de parto aumentou as chances de AM na primeira hora em quase cinco vezes (OR=4,9; IC95%=1,8-13,1). Das mães que tinham o acompanhante na sala de parto, 81,7% realizaram o AM na primeira hora de vida; contra 52,4% nas que estavam desacompanhadas. **Conclusão:** O acompanhamento durante o parto foi um fator de proteção importante para o AM na primeira hora de vida. No entanto, o parto cesárea foi uma barreira importante para o início da amamentação. Os resultados ressaltam a necessidade de implementação e monitoramento de políticas públicas de promoção, proteção e apoio ao AM, bem como melhorias na qualidade da assistência ao parto e na informação em saúde.

Bibliografia:

¹ESTEVES, T. M. B.; DAUMAS, R. P.; OLIVEIRA, M. I. C.; ANDRADE, C. A. F.; LEITE, I. C. Fatores associados à amamentação na primeira hora de vida: revisão sistemática. *Revista de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, n. 48, v. 4, p. 697-703, 2014.

²BITTENCOURT, S. D. A.; VILELA, M. E. A.; MARQUES, M. C. O.; SANTOS, A. M.; SILVA, C. K. R. T.; DOMINGUES, R. M. S. M.; REIS, A. C.; SANTOS, G. L. S. Atenção ao parto e nascimento em Maternidades da Rede Cegonha/Brasil: avaliação do grau de implantação das ações. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, n. 3, p. 801-821, 2021.

Agradecimentos: Apoio financeiro: FAPESP (bolsa de iniciação científica).

Marcadores de consumo alimentar em usuários de atenção primária à saúde de Avaré-SP durante a pandemia de COVID-19.

Graziele Fernanda Rosa de Souza¹, Daniella Cristina Vaz¹, Gustavo Schemer da Fonseca Soares¹, Maria Aparecida Rodrigues Negrão¹, Maria Luiza Rosa Zanardo¹, Vivian Lovison do Amaral¹, Caroline de Barros Gomes²

¹ Graduação em Nutrição, Centro Universitário Sudoeste Paulista – UNIFSP – Avaré, SP, grazy.fernanda.79@gmail.com.

² Centro Universitário Sudoeste Paulista – UNIFSP – Avaré, SP.

Introdução: Os hábitos alimentares são constituídos a partir de um contexto sócio-histórico, e, por isso, há uma possibilidade da pandemia de COVID-19 ter causado um impacto negativo na alimentação dos brasileiros, pois essa fragilizou ainda mais um país que já era marcado por uma realidade social desigual¹. Uma maneira prática de investigar esse consumo em coletividades é com a utilização de marcadores de consumo alimentar, que possibilitam a identificação de práticas alimentares saudáveis e não saudáveis². **Objetivo:** Avaliar os marcadores de consumo saudável e não saudável entre usuários da Atenção Primária à Saúde (APS) dentro do contexto pandêmico. **Metodologia:** Estudo transversal desenvolvido no município de Avaré-SP, entre maio e agosto de 2021, com usuários da APS. O número de entrevistados foi estipulado mediante um tamanho amostral de 0,5% da população assistida por cada uma das dez unidades, totalizando 207 usuários. As entrevistas foram realizadas nas Unidades de Saúde, com usuários acima de 18 anos. O consumo alimentar foi abordado com perguntas cujas respostas eram: de 1 a 2 dias por semana; de 3 a 4 dias por semana; de 5 a 6 dias por semana; todos os dias (inclusive sábado e domingo); quase nunca; nunca. A frequência adequada para os indicadores saudáveis foi de 5 ou mais dias por semana, e, para os indicadores não saudáveis, nunca ou quase nunca. Foram realizadas análises descritivas das variáveis em investigação, sendo a associação das variáveis de interesse com o consumo de cinco ou mais porções de ultraprocessados ou cinco ou mais porções de alimentos in natura, protetores para Doenças Crônicas Não Transmissíveis no dia anterior, realizada por modelos de regressão logística. Análises foram realizadas no programa SPSS v.20.0, considerando $p < 0,05$ como nível de significância (CAAE:43140621.3.0000.5411). **Resultados e Discussão:** A maioria dos entrevistados possuía entre 31 e 59 anos de idade (56,5%), com 57,5% dos entrevistados casados ou em união estável; 56% se declarou branco. Em relação aos marcadores de consumo, 44,9% relataram consumo de verduras e legumes na frequência adequada e esse percentual foi de 67,1% para o consumo de feijão; já para o consumo de frutas, 37,2%. Quanto aos marcadores de consumo não saudável, 47,8% relatou o consumo como nunca ou quase nunca para bebidas adoçadas; para biscoito este percentual foi de 48,3%. Apenas 38,2% dos entrevistados relataram o consumo de 5 ou mais alimentos in natura no dia anterior, sendo que 26,6% consumiu 5 ou mais alimentos ultraprocessados no mesmo período. Na análise de regressão logística univariada a idade se associou ao consumo de cinco ou mais alimentos ultraprocessados no dia anterior, sendo que os indivíduos de 18 a 30 anos tiveram 2,6 vezes mais chances desse consumo do que os de 31 a 59 anos (OR=2,7; IC95%=1,2; 5,7). As chances desse consumo também foram maiores entre os solteiros quando comparados aos viúvos ou em união estável (OR=2,1; IC95%= 1,1; 4,3) e frente aos pardos comparados aos de cor branca (OR=2,5; IC95%=1,3; 4,9). Na análise multivariada essas associações não permaneceram estatisticamente significativas. Ao consumo de cinco ou mais alimentos in natura, somente a cor da pele se mostrou associada, sendo que os de cor da pele preta tiveram menor chance de consumo frente aos de cor da pele branca (OR=0,2; IC95%=0,06-0,8). **Conclusão:** Uma grande parcela da população investigada não apresentou consumo adequado quanto aos marcadores de consumo saudável ou não saudável, sendo que os de cor da pele preta tiveram menores chances de consumo de cinco ou mais alimentos in natura no dia anterior.

Bibliografia:

¹ RIBEIRO-SILVA, R. C. et al. Implicações da pandemia COVID-19 para a segurança alimentar e nutricional no Brasil. *Ciênc. saúde coletiva*, v.25, n.9, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/>. Acesso em: 20. Ago. 2021.

² Brasil. Ministério da Saúde. *Vigitel Brasil 2019: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico*. Brasília: Ministério da Saúde; 2020

Efetividade da iniciativa “Dez passos para o sucesso da amamentação” na duração, qualidade e início precoce da amamentação.

Leticia Sarmiento da Silva¹, Bruna Leticia Rodrigues Gomes¹, Vitória de Sousa Rodrigues Leite¹, Mayara Lilian Paulino Miranda².

¹Graduanda no Curso de Bacharelado em Nutrição, Universidade de Mogi das Cruzes (UMC).

²Professora Doutora do Curso e Bacharelado em Nutrição, Universidade de Mogi das Cruzes (UMC).

Introdução: A iniciativa “Dez passos para o sucesso da amamentação” é um conjunto de estratégias para incentivar, promover e apoiar o aleitamento, orientando as gestantes, dentre outros aspectos, quanto ao aleitamento materno de início precoce e a não promoção do uso de fórmulas infantis, mamadeiras, bicos e chupetas.¹ O incentivo ao aleitamento deve ser contínuo para melhora da qualidade da saúde materno-infantil.² **Objetivo:** Verificar a efetividade dos “Dez passos para o sucesso da amamentação” na promoção do aleitamento materno no mundo. **Materiais e Métodos:** Uma revisão bibliográfica de literatura foi feita através da busca retrospectiva de artigos científicos indexados nas bases de dados PubMed, Lilacs e SciELO, publicados entre os anos de 2015 à 2020 em espanhol, inglês e português. Os termos utilizados na busca foram “Dez passos para o sucesso da amamentação” nas três línguas. Foram excluídos artigos que não contemplavam todas as dez etapas e aqueles publicados fora do período determinado. **Resultados e Discussão:** Foram encontrados 43 artigos dos quais 19 foram elegíveis para o estudo. Observou-se que independentemente do país a implementação dos “Dez Passos Para o Sucesso da Amamentação” trouxe melhor adesão e tempo de duração do aleitamento materno e menor utilização de fórmulas infantis. As evidências e os estudos mostraram que as taxas e a duração da amamentação aumentam após a implementação das dez etapas. Números estudos indicam a correlação entre a amamentação (de 6 meses a 2 anos) e a menor susceptibilidade à obesidade na vida adulta. Além disso, o aleitamento também auxilia o lactante no ajuste da autoingestão calórica e podem impactar o desenvolvimento intelectual, já que as crianças amamentadas tem propensão a apresentar um QI mais elevado. Embora os resultados sejam promissores, inúmeras barreiras impedem a implementação de forma efetiva dos “Dez Passos Para o Sucesso da Amamentação”, destacando-se: limitação de recursos financeiros e humanos, falta de apoio de governos nacionais e regionais e a falta de adesão dos funcionários por implementarem suas próprias crenças e experiências ao cuidado materno-infantil. Observamos ainda, tanto em países com sistema de saúde público quanto os de sistema privado enfrentam dificuldades para administrar os recursos financeiros que tal estratégia demanda. Em relação ao aspecto logístico de equipes e treinamentos, se destaca a alta rotatividade de pessoal e a duração/eficácia dos treinamentos, uma alternativa para essa questão seria a padronização dos protocolos e práticas, além de treinamentos assertivos. **Conclusão:** A amamentação traz benefícios comprovados para a saúde materno-infantil. Esta revisão foi capaz de verificar uma associação positiva entre a implementação dos “Dez Passos Para o Sucesso da Amamentação” com o início precoce e maior duração tanto do aleitamento materno exclusivo como do parcial em diversos países. Sugere-se a necessidade de mais esforços e ações em políticas públicas para garantir os recursos financeiros, uma padronização de treinamentos e protocolos, bem como fiscalizações que facilitem a implementação desta iniciativa, contribuindo para uma melhora dos índices de amamentação em nível mundial.

Bibliografia:

¹ Cunningham EM, Doyle EI, Bowden RG. Maternity Nurses' Perceptions of Implementation of the Ten Steps to Successful Breastfeeding. *MCN Am J Matern Child Nurs.* Jan/Fev., 2018; v.43, n.1, p.38-43. doi: 10.1097/NMC.0000000000000392. PMID: 29215422.

² Gomez-Pomar E, Blubaugh R. The Baby Friendly Hospital Initiative and the ten steps for successful breastfeeding. a critical review of the literature. *J Perinatol.* 2018 Jun;38(6):623-632. doi: 10.1038/s41372-018-0068-0. PMID: 29416115.

Avaliação da prevalência do sobrepeso e da obesidade em universitários durante a pandemia da COVID-19

Prisciane de Souza Joaquim¹, Humberto de Freitas Negrão Neto², Maria Vitória Romão Rodrigues², Thábata Koester Weber³, Patrícia Fidelis de Oliveira³.

¹Graduação em Ciências Biológicas, Instituto de Biociências, UNESP - Botucatu, SP prisciane.souza-joaquim@unesp.br.

²Graduação em Nutrição, Instituto de Biociências, UNESP - Botucatu, SP

³Docentes do Instituto de Biociências, UNESP - Botucatu, SP

Introdução: O sobrepeso e a obesidade são disfunções metabólicas caracterizadas como acúmulo excessivo de gordura corporal que representa risco à saúde. As mudanças impostas pela pandemia da COVID-19 têm influenciado os hábitos dos universitários, uma vez que o ensino remoto dificulta a socialização, favorece o sedentarismo, impacta a saúde mental e hábitos alimentares. Tem-se, portanto, a sobreposição de duas pandemias: a obesidade e a COVID-19. **Objetivo:** Avaliar a prevalência do sobrepeso e da obesidade em universitários da UNESP de Botucatu, investigando os impactos da COVID-19 sobre parâmetros diversos incluindo o estado nutricional e nível de atividade e exercícios físicos. Em adição, buscamos investigar o grau de conhecimento nutricional dos alunos. **Material e Métodos:** A pesquisa foi avaliativa de corte transversal com caráter descritivo, qualitativo e quantitativo aprovado pelo CEP local. O público-alvo são alunos atualmente matriculados em cursos de graduação da UNESP de Botucatu, maiores de 18 anos. O tamanho amostral para estudo de prevalência¹ foi definido no mínimo de 340 indivíduos utilizando os dados de população finita de 2890 alunos (número estimado de matriculados em 2021). Os dados foram coletados através de um formulário online autodeclarado. São eles: 1) altura e peso antes e durante a pandemia para cálculo do índice de massa corpórea (IMC); 2) nível de atividade física durante a pandemia (aumento, redução ou manutenção) e de exercício físico (minutos/semana); 3) verificação da educação alimentar prévia. A análise estatística foi feita pelo programa Prisma 6.0. A comparação do IMC antes e durante a pandemia foi feita pelo teste de Wilcoxon e a distribuição de frequências para os outros parâmetros foi verificada pelo teste Qui-quadrado. As diferenças foram consideradas significativas quando $p < 0,05$. **Resultados e Discussão:** Foram incluídos 404 universitários sendo 66% mulheres, 30% homens, 2% não-binários e 2% outros ou não declarados. A mediana de idade foi de 21 anos (19-23) com idade mínima de 18 e máxima de 48 anos. A prevalência de excesso de peso antes da pandemia foi de 29%, destes 21% com sobrepeso (IMC: 25,00-29,99) e 8% com obesidade (IMC \geq 30). Durante a pandemia, a prevalência de excesso de peso foi de 30% (21% com sobrepeso; 9% com obesidade). A mediana de IMC durante a pandemia se mostrou significativamente maior quando comparada ao valor pré-pandemia (23.24 (20.72-26.50) vs 22.49 (25.03-26.03); $p < 0,0001$). Em relação ao nível de atividade física, cerca de 56% dos alunos relataram redução durante a pandemia, 26% afirmaram ter aumentado e 18% sinalizaram ter se mantido. Em relação ao nível de exercícios físicos, observamos uma leve redução do número de indivíduos que se exercitam ≥ 150 minutos/semana (32% vs 30%) enquanto que o número de pessoas na faixa de 0-60 minutos/semana aumentou (de 47% para 55%) e na faixa de 90-120 minutos/semana diminuiu (de 22% para 14%), sugerindo que a pandemia da COVID-19 reduziu o nível de exercícios físicos ($\chi^2=10.1$; $p=0.006$). Apenas 37% dos alunos relataram ter tido aulas de conhecimento nutricional e 55% deles não conhecem o Guia Alimentar para a População Brasileira do Ministério da Saúde. **Conclusão:** Os estudantes estão fisicamente menos ativos durante a pandemia, fato que pode ter contribuído para o aumento significativo do IMC. Uma minoria de alunos teve educação nutricional, demonstrando a necessidade de ações que fomentem a aquisição desse conhecimento.

Bibliografia:

¹LUIZ, R.; MAGNANINI, M. The logic of sample size determination in epidemiological research. *Cad Saude Coletiva*, v. 8, p. 9–28, 2000.

Agradecimentos: aos voluntários deste estudo e a todas as unidades acadêmicas do campus de Botucatu.

Atuação da equipe Multidisciplinar no diagnóstico precoce e manejo clínico da Sarcopenia em idosos

Jessica Balbi Prado¹, Maria Helena da Costa², Bruno Luis Nascimento dos Santos³, Cássia Soares Cabral⁴, Jéssica Moreira Fernandes⁵, Daniele Cristina Ribeiro dos Santos⁶

¹Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva e Atenção Básica, Nutricionista, UNIFAI, jessica-balbi@hotmail.com, bolsista ministério da saúde.

²Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva e Atenção Básica, Fisioterapeuta, UNIFAI, maria_helenaacosta@live.com, bolsista ministério da saúde.

³Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva e Atenção Básica, Nutricionista, UNIFAI, brunoluisnascimento@hotmail.com, bolsista ministério da saúde

⁴Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva e Atenção Básica, Enfermeira, UNIFAI, cassia.cabral.nsp@gmail.com, bolsista ministério da saúde

⁵Residência Multiprofissional em Saúde Coletiva e Atenção Básica, Enfermeira, UNIFAI, jessica-fernandes-@outlook.com, bolsista ministério da saúde

⁶ Mestre em Enfermagem, Coordenadora de saúde mental, CAPS, Prefeitura do Município de Adamantina, ribeiro_82@hotmail.com

Sarcopenia é uma síndrome caracterizada por uma perda gradual e generalizada da massa e da força muscular, caracterizada pela diminuição do desempenho físico, diminuição de força dos membros inferiores. Estima-se que 36,5% dos idosos americanos (acima de 70,1 anos) sejam acometidos, entre os Europeus a estimativa é de 1 a 29% na comunidade e de 14 a 33% em instituições de longa permanência, no Brasil, a prevalência de sarcopenia foi de 20% entre as mulheres e de 12% entre os homens, os fatores de risco para o desenvolvimento da doença, são idade, falta de atividade física, alterações hormonais, processos inflamatórios e falhas de ativação neuronal¹. **Objetivos:** Elaboração de protocolos de atendimento multidisciplinar que possam impactar positivamente na qualidade de vida desses pacientes. **Métodos:** Revisão integrativa de literatura, realizada nas bases de dados, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scielo e Periódicos Capes critérios de exclusão foram artigos com data anterior a 2017 e artigos que não abordassem a equipe multiprofissional. **Resultados:** A literatura refere que a inserção da equipe Multiprofissional na atenção básica precisa ser fortalecida. A ausência dos mesmos resulta em prejuízo da integralidade da atenção à saúde. Foi, ainda, apontada a necessidade de qualificar a formação profissional com educação permanente para a educação em saúde, com sólida base teórica, em uma perspectiva crítica. Visando, Protocolos efetivos, para a melhora dos pacientes sarcopenicos. **Conclusões:** A atuação do nutricionista na atenção básica é valorizada pelas equipes e usuários do sistema de saúde, embora sua inserção seja ainda insuficiente e sua formação como educador precise ser repensada. A nutrição em conjunto com outros profissionais da saúde desempenha papel importante no rastreamento precoce, diagnóstico tratamento e recuperação dos pacientes, haja vista, que a alimentação apresenta fator preditor sobre a resposta inflamatória presente em doenças ligadas ao envelhecimento, e/ou aumento do ganho de massa muscular em idosos, visto que também possuem efeitos diretos na síntese proteica muscular aumentando a sinalização anabólica². A enfermagem tem papel fundamental para prevenção e diagnóstico de sarcopenia, e pode auxiliar na intervenção com identificação dos fatores de risco, educação em saúde para profissionais, pacientes e cuidadores, realizando um trabalho interdisciplinar com nutricionistas e fisioterapeutas pode se reduzir o número de lesões por quedas, dores e perda de funções musculoesquelético³. Os Fisioterapeutas podem auxiliar no ganho de força, massa muscular, redução de dores e diminuir a perda de funções do sistema musculoesquelético, através de protocolos de exercícios aeróbicos e de resistência, assim como a elaboração de um treino de equilíbrio e propriocepção para fomentar a prevenção de quedas nessa população⁴. Não existem protocolos que contemplem a abordagem realizada por uma equipe multidisciplinar aos pacientes com sarcopenia. Desta forma, fica em evidência que os profissionais nutricionistas, enfermeiros e fisioterapeutas estabeleçam protocolos terapêuticos. A abordagem multidisciplinar permite que os fatores de risco sejam observados incisivamente e as medidas preventivas e terapêuticas iniciadas precocemente. Para tanto propõe-se elaboração e aplicação de capacitação aos profissionais inseridos na atenção primária da saúde.

Bibliografia:

¹Cruz-Jentoft AJ, Sayer AA. Sarcopenia. Lancet. 2019 Jun 29;393(10191):2590
Bloom I, Shand C, Cooper C, Robinson S, Baird J. Diet Quality and Sarcopenia in Older Adults: A Systematic Review. Nutrients. 2018 Mar 5;10(3):308.

²Sieber CC. Malnutrition and Sarcopenia. *Aging Clin Exp Res*. 2019 Jun;31(6):793- 798.

³Silva, Rutielle Ferreira et al. Sarcopenia screening in elderly in primary health care: nurse knowledge and practices. *Revista Brasileira de Enfermagem* [online]. 2020, v. 73, suppl 3 [Acessado 24 Agosto 2021], e20200421. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0421>>. Epub 07 Dez 2020. ISSN 1984-0446.

⁴Sato PHR, Ferreira AA, Rosado EL. The prevalence and risk factors for sarcopenia in older adults and long-living older adults. *Arch Gerontol Geriatr*. 2020 Apr 30;89:104089.